3

Quando a bola rola: as peladas de perto e de dentro

> Em futebol, o pior cego é o que só vê a bola. A mais sórdida pelada é de uma complexidade shakespeariana. Às vezes, num córner mal ou bem batido, há um toque evidentíssimo do sobrenatural.
>
> Nelson Rodrigues

3.1. As quadras de futebol society do Aterro do Flamengo

Os pedestres da Rua Silveira Martins, no Catete, anunciam a proximidade com os campos de futebol do Aterro do Flamengo. É constante o movimento de jogadores que passam por ali, indo ou voltando das quadras. Andando em grupos ou sozinhos, são facilmente identificáveis devido às mochilas, bolsas, bolas, calções, meiões e chuteiras que carregam ou trajam.

Durante o período de realização do campo, às quartas-feiras, por volta de 8 e meia da noite, eu saía de casa em direção ao Aterro do Flamengo. Descia do metrô na estação Catete e percorria este caminho observando a movimentação.

Chegando ao final da rua se avistam as quadras. De longe são campos de futebol iluminados e barulhentos. Ouvem-se apitos e gritos misturados ao barulho dos carros que passam pela praia do Flamengo. Atravessando as duas pistas da praia, adentra-se às quadras. De perto não são mais tão iluminadas, percebe-se que os refletores iluminam basicamente os campos, deixando os arredores escuros.

Cercadas por “arquibancadas”, uma espécie de mureta em dois níveis, acomodam de forma pouco confortável quem assiste as partidas. Foi sentada nesta “arquibancada” que acompanhei, quase sempre solitariamente, as partidas do Ellite F. C. Foram poucos os jogos que tive outra companhia além dos ambulantes sempre presentes no local. Ainda assim, me impressionou que algumas vezes pessoas pararam, perguntaram o placar o jogo, sentaram, teceram comentários sobre os jogadores e mostraram interesse em assistir uma pelada.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1011758/CA

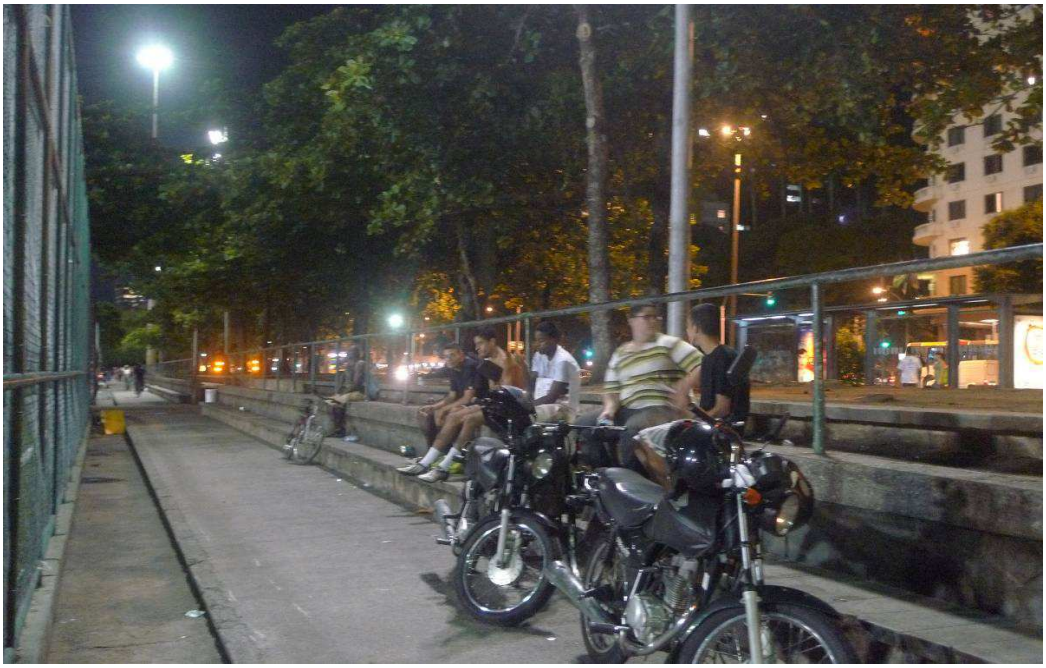

Figura 5. Espectadores em um dia de jogo do Ellite. Foto: Ana Letícia Canegal.

A sujeira é uma das características mais marcantes daquele espaço. Não houve um dia em que eu não pensasse como era sujo e mal cuidado, e que eu não lamentasse dividir meu lugar com as baratas que passeiam por lá. Anotei no caderno de campo: “ficar aqui sentada é um exercício de preocupação e abstração da sujeira”. Preocupação porque eu precisava olhar bem onde me sentava; abstração porque, se olhasse bem, não sentava de jeito nenhum. Praticamente não há lixeiras ao redor dos campos, e o chão está sempre cheio de garrafas, latinhas, pacotes de biscoito. De fato, a área não é bem cuidada por seus freqüentadores, tampouco por seus administradores.

Há uma movimentação constante de bicicletas e motos. Muitos carros ficam estacionados nos espaços existentes entre as quadras, já que não há um estacionamento formalmente determinado, e a cada bola isolada pra fora do campo eu me perguntava se os donos não tinham receio de terem o veículo amassado. As grades que circundam os campos são razoavelmente baixas, por isso a bola também é frequentemente isolada para as pistas da Praia do Flamengo e da Avenida Infante Dom Henrique. O resgate da bola normalmente é feito por quem está na reserva, esperando para entrar em campo. Quando a bola cai na

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1011758/CA

quadra vizinha, quem estiver jogando nela a devolve. Havia quase sempre bolas extras para não atrasar o andamento da partida.

O consumo de bebida alcoólica nos jogos do Elitte era raro, ou praticamente nulo, tanto entre eles quanto entre os adversários. Já naquela área é muito comum ver grupos passando com latinhas de cerveja nas mãos, caipirinhas, doses de cachaça, e bebendo enquanto esperam o início de seus jogos.

Para jogar, informa uma placa fixada em cada quadra, é proibido o uso de chuteiras com travas, para não danificar a grama. Também não é permitido entrar nos campos com bebidas, alimentos, cigarro, chicletes e animais. Estas constituem algumas regras da pelada ordenada jogada naquele espaço. Não há, no entanto, ninguém para fiscalizar o cumprimento delas.

Figura 6. Placa fixada nas entradas dos campos. Foto: Ana Letícia Canegal.

Essa faixa do parque que se estende do Museu da República ao antigo Hotel Glória é composta por 8 campos de futebol, sendo 6 de futebol *society*, os outros dois com dimensões maiores, para jogos com equipes formadas por 11 jogadores de cada lado. Todos os campos são de grama sintética, com iluminação, cercados por alambrados e podem ser ocupados gratuitamente durante as 24 horas

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1011758/CA

do dia mediante autorização da Administração do Parque. Forma, assim, o maior complexo de futebol society da cidade do Rio de Janeiro.

Abaixo, uma vista aérea das quadras, que são numeradas de 1 a 8, de cima para baixo, da esquerda para direita :

Figura 7. Vista aérea das quadras. Fonte: GoogleMaps

3.2. Os frequentadores

São muitas as pessoas que transitam por lá sem ter aparentemente relação com o esporte. Os campos do Aterro têm, de fato, uma sociabilidade que transcende à prática do futebol. Por conta dos quiosques, é comum ver grupos de homens reunidos fazendo churrasco, bebendo cerveja e, especialmente às quartas-feiras à noite, assistindo partidas de futebol pela televisão. Em situações assim, devido ao horário, costuma ser pequeno o número de crianças e mulheres. Já nos finais de semana durante a parte da manhã e da tarde é bastante comum a presença de famílias, que acompanham as partidas e também utilizam os quiosques para beber, ouvir música e fazer churrasco.

Nas oportunidades que tive de transitar por ali de dia – muito embora meu campo fosse feito à noite e durante a semana, achei importante ver como era o uso do local em outros momentos – percebi que a atmosfera era bastante diferente da noturna, notadamente devido a maior presença de mulheres e crianças.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1011758/CA

Figura 8. Movimentação no quiosque localizado próximo ao campo 3. A primeira tirada em uma quarta-feira à noite, dia de jogo do Ellite, e a segunda em um domingo à tarde. Foto: Ana Letícia Canegal.

É considerável também a quantidade de moradores de rua, catadores de latinhas e pessoas que aparentam perturbações mentais naquela área. Perdi a conta de quantos vi falando sozinhos, alguns visivelmente alcoolizados e drogados. No início a presença deles me causava medo, especialmente por eu estar desacompanhada.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1011758/CA

Me senti bastante exposta durante o tempo em que freqüentei as quadras do Aterro. No entanto, para minha surpresa, não ocorreu nenhuma abordagem durante todo meu período de campo, e com o tempo percebi que talvez tal gesto nem viesse a ocorrer. Dos muitos que passavam, a impressão era de que poucos pareciam me ver de fato. E acredito que, para eles e para as outras pessoas que ali passavam, o motivo de eu estar sentada no Aterro do Flamengo sozinha assistindo uma pelada às 11 da noite seria estar acompanhando um possível namorado ou marido. Talvez por essa razão não se aproximavam.

Esse questionamento me foi feito, inclusive, por um menino de 11 anos, o Caio[1], filho do goleiro do Ellite. Curioso sobre a minha presença nos jogos, perguntou se eu namorava alguém do time. Quando eu disse que não, perguntou: "o que você *tá* fazendo aqui então?". Disse a ele estava fazendo um trabalho sobre futebol no Aterro e por isso assistia as partidas do Ellite.

Na semana seguinte encontrei Caio novamente. Ele perguntou como estava o meu trabalho, e afirmou: "vai ser difícil aprender [sobre futebol] num jogo desses, esses caras são muito ruins." Dei boas risadas, concordei com ele, e expliquei um pouco melhor que era exatamente naquele jogo tecnicamente ruim que eu estava interessada. Para um legítimo "fominha de bola", fã exaltado do Neymar e de suas jogadas brilhantes, pareceu no mínimo estranho querer entender e aprender sobre aquele futebol mal jogado.

3.3. Organização do espaço e dos jogos

Como qualquer freqüentador logo descobre, não há vestiários ou banheiros públicos[2] no local, o que me causou alguns constrangimentos. Os únicos banheiros são propriedades dos quiosques que circundam a área, e o uso, caso não se esteja consumindo, é pago. Mas o quiosque próximo ao campo 3, onde o Ellite realiza suas partidas, por exemplo, não tem banheiro. Apenas o mais distante, nas proximidades dos campos 7 e 8, dispõe desse serviço, o que faz com que os

[1] Como é de praxe nos estudos antropológicos, os nomes de todos entrevistados e informantes foram substituídos por pseudônimos, a fim de garantir a privacidade dos mesmos.

[2] Em matéria publicada no globo online no dia 15 de março de 2012 o assessor da subprefeitura fala sobre a intenção de construir vestiários no local. Ele informa que, devido ao fato do Parque ser tombado, há dificuldades em liberar as obras de construção dos vestiários. No entanto, o tombamento do parque não impediu a construção de quiosques privados – e com banheiro – no mesmo local. Ver: http://oglobo.globo.com/eu-reporter/frequentadores-do-aterro-temem-ocupacao-de-campo-de-futebol-abandonado-por-usuarios-de-crack-4320687

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1011758/CA

visitantes – homens, em absoluta maioria – utilizem as árvores, muretas e afins para urinar, deixando o odor na região notável e, às vezes, quase insuportável. Já eu, por precaução, preferia parar de beber água pelo menos uma hora antes de ir à campo.

Figura 7. Banheiro do quiosque localizado próximo aos Campos 7 e 8. Mesmo se tratando de um espaço público, os banheiro lá localizados não são públicos. Foto: Ana Letícia Canegal.

Ao lado de cada quadra há um vendedor ambulante, e a função deles vai muito além de vender água, cerveja e refrigerante. Sempre presentes e com ponto fixo em cada quadra, eles alugam bola, rede, cartões, apito, pelo preço de 5 reais, e "salvam" muitas partidas por isso. Ajudam também os peladeiros machucados, que recorrem a eles quando precisam de gelo para colocar nas pancadas e lesões. Em dias de chuva todos disponibilizam de uma lona que cobre as caixas térmicas e que também serve de abrigo para quem estiver assistindo os jogos ou mesmo esperando para jogar.

Há ainda os "juízes" – pessoas que se incumbem da função de apitar os jogos realizados naquele espaço - que circulam pela área e são recorrentemente requisitados. Antes de começar os jogos observei João, presidente do Ellite, frequentemente deixar o campo e percorrer as outras quadras atrás de alguém que se dispusesse a apitar. Por diversas vezes se repetiu a mesma pessoa, e em todas as disputas houve críticas à sua arbitragem, que quase chegaram às vias de fato. Não entendia porque repetiam a sua escolha, mas acredito que era a única opção e,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1011758/CA

mesmo que ruim, a presença de um juiz é importante nos jogos do Ellite. Em um dia que não houve êxito na sua busca por um árbitro, João comentou que parecia que ninguém queria ganhar dinheiro. Conclui, então, que essa função era paga.

A necessidade de ter um juiz apitando as partidas se dá pela intenção de garantir dentro de campo a mesma organização que a equipe mantém fora dele. Conversando com um dos jogadores do Ellite, questionei o porquê da arbitragem, tendo em vista que peladas, normalmente, não são apitadas. Ele me respondeu que aquela era uma "pelada organizada" – ideia que discutirei no próximo capítulo -: "dá pra ver, *né*, a gente joga de uniforme", e que "se dá confusão com arbitragem, imagina sem". Por isso optam por ter árbitros em seus jogos, ao invés de adotarem o "pediu, parou"[3], mais comum nas peladas. E, a presença de pessoas que se incumbem da função de apitar jogos naquele espaço, já demonstra que as peladas jogadas ali se diferenciam da ideia clássica de pelada nesse aspecto.

Na ausência de juízes, os jogadores tomam para si essa função. De qualquer forma alguém fica responsável por conduzir a partida dentro das regras. Em um dos jogos sem juiz coube a um jogador de cada equipe apitar um tempo, com o objetivo de equilibrar possíveis favorecimentos. Em outra oportunidade, cada um apitou em uma metade do campo. Houve uma partida em que João foi o árbitro, orientou seu time em campo como técnico, comemorou os gols do Ellite como um jogador, porém esforçando-se pela imparcialidade no apito.

Uma questão que se colocou inicialmente foi sobre as regras de uso do local. O uso dos campos é regulamentado pela administração do Parque do Flamengo e organizado da seguinte forma: às terças-feiras é preciso ir à administração para marcar os jogos previamente, fornecendo número de identidade e telefone, determinando horário e campo, para assim obter uma autorização. Alguns horários são mais disputados (os noturnos, por volta das 20 horas), logo não é sempre que se consegue um campo para jogar.

São dados dois tipos de permissão: avulso e mensalista. O primeiro recebe uma autorização que é refeita a cada semana, se os interessados assim quiserem; já o segundo tem uma permissão mensal, que também precisa ser renovada. A princípio sabe-se exatamente quem está jogando futebol em cada quadra, a cada

[3] Os jogadores em campo determinam as marcações das infrações. Se alguém diz que determinado lance foi falta, se ele pede, o jogo para e é marcada a falta, a mão, o que for. Naturalmente as chances de confusão com esse tipo de marcação mais livre é maior, e deve ser levado em conta o bom senso, lealdade a desportividade dos participantes.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1011758/CA

par de hora. O campo 3, por exemplo, às quartas-feiras, das 21 às 23 horas é do Ellite.

As quadras são reservadas em horários ímpares, com espaço de duas horas, começando às 7 da manhã até às 23 horas. As reservas são, por exemplo, de 7 às 9, 9 às 11, 11 às 13, e assim em diante. Para os jogos a partir das 23 horas até 6 da manhã, as quadras, na prática, são de quem chegar primeiro. Conversei com um funcionário do Parque e ele me disse que ninguém nunca foi pegar autorização para jogar àquele horário, mas se a pessoa pedir eles dão. É uma garantia formal de que a quadra é sua.

Pode-se pensar que há algo como uma suspensão das regras que regulam o uso no horário diurno, que é justificada pelo fato da procura ser menor. Nesses períodos são realizadas as famosas partidas dos porteiros, garçons, cozinheiros.

Em conversas com freqüentadores e pessoas que trabalham no local, fui informada de que o ambiente está mais tranqüilo, mas em outros momentos havia uma espécie de "máfia" no Aterro, que impossibilitava o uso democrático e organizado das quadras. Na prática, o funcionamento dos campos não ocorria dessa forma. A Prefeitura inclusive, por algum tempo, manteve uma faixa estendida alertando aos freqüentadores sobre o uso gratuito daquele espaço público. Por saber da dificuldade de muitos peladeiros em conseguir ir às terças-feiras na Administração para agendar os campos, as autorizações estavam sendo vendidas por quem as conseguia. E a autorização oficial, muitas vezes, tinha pouco valor, o que já foi motivo de muitas brigas no local.[4]

O próprio Ellite quando o "seu" campo estava em obras durante os meses de abril, maio e junho de 2011 jogou em outro, sem autorização. Caso chegasse alguém que tivesse reservado a quadra naquele horário, eles teriam que sair, o que, no entanto, não aconteceu. Ouvi de alguns amigos e conhecidos que é impossível jogar no Aterro do Flamengo, por isso muitos preferem pagar quadras ou jogar em outros campos de menor qualidade. O que deveria ser de acesso a todos não funciona exatamente dessa forma. No próximo capítulo levarei a frente essa discussão.

[4] Ver: http://www.anovademocracia.com.br/component/content/article/63/1253-o-futebol-24-horas

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1011758/CA

Parto, agora, para uma análise mais profunda do Ellite Futebol Clube e dos aspectos levantados durante as observações das partidas realizadas semanalmente no Aterro do Flamengo.

3.2. O Ellite Futebol Clube

3.2.1. A escolha do Ellite Futebol Clube

A escolha do Ellite como o time para fazer as observações de campo se deu inicialmente por questões práticas. Eles pareceram – e confirmaram – ser uma equipe organizada, característica fundamental para desenvolver um trabalho quando o tempo de pesquisa é razoavelmente curto. Pra ser sincera, não esperava tamanha organização de um time de pelada, a começar pelo site da equipe que tem um conteúdo que muitos times profissionais não têm. Aos poucos fui percebendo que aquele compromisso era levado muito a sério por eles, então eu poderia ficar tranqüila quanto a freqüência de realização dos jogos para observação.

A princípio o interesse para esta pesquisa estava nos times que grande parte das pessoas atentas àquele espaço associam diretamente ao Aterro do Flamengo: os times dos porteiros, garçons, auxiliares de cozinha, cozinheiros, entre outros. Pensava serem eles a “cara” do Aterro, o que havia de mais legítimo lá. Neles estaria a identidade daquele espaço de pelada tão peculiar na cidade do Rio de Janeiro.

Esbarrei, no entanto, em uma primeira questão: como chegar até eles? Como escrito anteriormente, sempre existe alguém que conhece alguém que joga no Aterro, e essa pessoa poderia ser o porteiro do prédio ou o garçom do boteco que frequenta. Esta parte, então, seria resolvida com um mínimo de esforço. Mas outro entrave se fez presente: o horário dos jogos. As partidas realizadas por eles costumam ser disputadas de madrugada, e o horário não era confortável para mim, por vários motivos. Se às 21 horas já não havia muita segurança em transitar ali, o que diria às 2 da manhã, quando o movimento ao redor das quadras é praticamente nulo. Questionei se para os objetivos da pesquisa seria necessário me expor daquela forma e entendi que não. A família agradeceu pela minha decisão, ainda assim torcendo o nariz para os meus passeios noturnos na região.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1011758/CA

O Ellite mostrou-se um objeto muito interessante, completo e rico em contradições. Por ser exatamente o oposto do que eu tinha como imagem clássica das equipes do Aterro – a começar pelo nome que caracteriza o perfil dos seus jogadores - funcionou como um “espelho às avessas”. A partir dele foi possível pensar também nesses outros, que eram os seus adversários na maior parte das vezes: a “elite” contra os “paraíbas”, com conflitos de classe e preconceitos mútuos respeitosamente representados numa partida de futebol.

3.2.2. O Histórico da equipe

O Ellite Futebol Clube foi fundado em 16 de junho de 1988, na Rua Paissandu, no bairro do Flamengo, por um grupo de amigos estudantes do Colégio Santa Úrsula. Recém-formados, mantinham as peladas semanais em frente à Rua Dois de Dezembro, na praia do Flamengo, como forma de manutenção do grupo. Com o passar do tempo, sentiram a vontade de se estruturar mais: compraram uniformes, escolheram um nome oficial, escreveram um Estatuto e passaram a selecionar adversários também mais organizados e compromissados, ao invés de jogar somente entre conhecidos. Hoje há 16 jogadores no elenco, sendo que 8 dos pioneiros ainda estão em atividade.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1011758/CA

Figura 8. Foto da equipe em 2011. Foto gentilmente cedida pelo Ellite F.C.

O nome “Ellite” foi pensado no dia da fundação “oficial”. Com a equipe reunida na casa de um amigo, um deles usava uma camisa na qual estava escrito “Elite”, em uma referência a uma agência de modelos da época. Ao olhar para a camiseta pensaram que seria um bom nome para o time e todos concordaram com a escolha. Os dois “l” seriam para demarcar um diferencial em relação à agência. Sobre a escolha do nome João me falou em entrevista:

> A gente quando fundou o time tinha que dar um nome. A gente tava reunido na casa de um amigo nosso na Paissandu, e começamos, os fundadores, a pensar no nome pro time. Brainstorm, cada um falava uma coisa, e um amigo nosso, que foi inclusive o autor do 1º gol da história do time, ele tava, não sei nem se existe ainda uma agência de modelos Elite, e ele tava com uma camisa preta com o branco escrito Elite. Ele olhou pra camisa e falou “caramba, Elite, e pô, a gente é elite, todo mundo bonitão aqui, só elite, só modelo” (risos) e ficou. Mas Elite é igual ao da agência, então vamos botar mais um “l” aí pra ficar chique. Então, Ellite com dois “l”. Aí ficou, esse é o porquê. (Entrevista com João)

Um time de elite e consciente disso, composto por homens de classe média, naquele momento ainda estudantes universitários, que adotou como seu

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1011758/CA

para suas atividades de sociabilidade e lazer, um espaço bastante popular da cidade do Rio de Janeiro.

O Aterro passou a sediar os jogos do Ellite no ano de 2001. Os campos e a equipe estão relacionados de maneira íntima. Há uma idéia de "casa", uma identificação e noção de que o Ellite não existiria enquanto tal em outro lugar que não o Aterro do Flamengo. Essa relação entre o Ellite e o Aterro do Flamengo será analisada no próximo capítulo.

3.2.3. Primeiros contatos com o Ellite

Como descrevi brevemente na introdução deste trabalho, meu primeiro contato com o Ellite foi por email, depois de visitar o site deles. Fui respondida prontamente por João, presidente da equipe, que me convidou para ir a um jogo na semana seguinte.

Passei a quarta-feira ansiosa. Estava curiosa para começar o campo, para conhecê-los e torcendo para que a troca com a equipe desse certo. Tinha recebido uma resposta bastante cuidadosa, o que havia me deixado satisfeita. À noite o tempo começou a virar e por volta das 20 horas a chuva caiu. Sem saber se haveria jogo naquelas condições, e nem como era o Aterro em dias assim, decidi ficar em casa. E essa foi a minha escolha em todas as quartas-feiras de chuva que se seguiram. Aceitei que fazer Antropologia na rua tem seus percalços meteorológicos, inclusive.

No dia seguinte enviei um email para o João pedindo desculpas por não ter ido e explicando que, por causa do tempo, não sabia se eles estariam lá. Ele respondeu: "Jogamos ontem sim....em 13 anos de Aterro NUNCA desmarcamos um jogo por causa de chuva... mas reconheço que não é qualquer um que vai ao Aterro em dias de chuva (não é o caso do meu time: ninguém falta!)". Foi o primeiro sinal que tive de que, pra eles, aquilo era mais do que uma partida de futebol, era um compromisso inadiável e inabalável.

Com o passar do tempo notei que, mesmo esse compromisso inadiável e inabalável sofre contratempos. Todos os jogos marcados são avisados previamente no site da equipe, em uma agenda muito organizada. Era por ali que eu me guiava depois de certo tempo, já sem consultar semanalmente o João por email. No início da pesquisa os campos do Aterro estavam em obras depois de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1011758/CA

muita reclamação de seus freqüentadores[5] e o Ellite teve dificuldade de realizar as partidas ficando mais de dois meses sem jogar, até que o campo 3 fosse finalizado.

Em 2011 o Ellite enfrentou 14 adversários diferentes, repetindo no máximo três partidas com o mesmo oponente, lembrando que foi o ano com menor número de atuações do time. Isso demonstra que a equipe construiu ao longo do tempo uma rede de relações que é fundamental para um time de pelada, ou amador, que opte por jogar contra outros times, que não necessariamente formados por amigos.

A rede de relações foi construída pela equipe basicamente pelo "boca a boca". "Lá no Aterro, a gente t*á* lá, o cara chega '*pô*, quero jogar [contra vocês]'. Eu digo: 'liga pra mim, a gente marca na agenda e tal.'", contou João. A internet facilitou os contatos, mas a maioria absoluta dos agendamentos é feito por telefone: ou o Ellite – na figura do presidente - liga, ou os adversários procuram. Os anos de Aterro do Flamengo fizeram com que a equipe se tornasse conhecida, e que também conhecesse outros times que hoje compõe o amplo quadro de oponentes do time.

Deixei de ir a jogos que não foram avisados. Fui a alguns que foram desmarcados e não avisados. Em outros o adversário não apareceu. A dinâmica quase perfeita organizada por eles era passível de alguns "furos", diferente da idéia inicial "vendida" pelo capitão.

Minha primeira partida foi no dia 6 de abril de 2011. O Ellite não estava jogando no "seu" campo, que estava em obras, e ocupava provisoriamente – sem autorização, "na coragem", como me foi escrito em um email – o campo 5. Sem saber se eu conhecia o Aterro ou não, João me informou que era o campo localizado em frente ao Hotel Novo Mundo e que seria fácil reconhecê-los com o uniforme de cor vinho.

Ao chegar eles estavam esperando o adversário. Presenciei uma cena que se repetiria em todos os jogos. Sempre que eu chegava – intencionalmente um pouco atrasada porque as partidas nunca começavam na hora marcada e para

[5] Ver: http://jornalriocarioca.com/jornal/campos-do-aterro-ganham-nova-grama-sintetica/

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1011758/CA

evitar constrangimentos que serão explicados mais a frente – os jogadores do Ellite estavam reunidos na “arquibancada” em frente à quadra. Ali trocavam de roupa e conversavam. Depois, aos poucos, eles iam entrando em campo levando suas mochilas e colocando-as atrás da rede do gol defendido por eles. Começavam, então, o aquecimento: corridas pela quadra, chutes livres, dribles, “toquinhos”, até começar a partida. Diferente de alguns times adversários que observei, cujos pertences ficavam com os jogadores da reserva na “arquibancada”, no Ellite todos permaneciam dentro de campo durante toda a partida, estando jogando ou não. Acredito que esta seja uma forma de se manterem próximos mesmo enquanto alguns jogam e outros apenas assistem.

Além deste, outro ritual se repetiu sempre. O Ellite costumava iniciar as partidas à esquerda. Cada time era responsável por organizar o seu lado do campo colocando a rede no gol. Os que já estavam completos e esperavam os jogadores adversários chegarem iam adiantando essa função, mas somente do seu lado, em uma espécie de divisão de tarefas futebolística.

No primeiro dia fui apresentada àqueles que, por longos meses, seriam observados por mim. Um pouco sem entender meu objetivo ali – tampouco eu até o momento sabia -, outros parecem ter continuado sem entender mesmo ao final do campo, colocaram-se à minha disposição e me abriram, gentilmente, as portas de “casa”.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1011758/CA

3.3. A pelada do Ellite: dentro de campo

Nesta seção trago aspectos observados durante os jogos do Ellite. Inicialmente, e de forma ingênua, afirmo, temi pela escolha do meu tema, imaginando que pelada, talvez, não rendesse tantos assuntos. No entanto, com o passar do tempo e dos jogos, percebi que estava enganada. Alguns temas em especial ganharam destaque: emoção, (homo)sociabilidade, amizade, gênero. Temáticas presentes em tantos campos da sociedade se fizeram presentes, também, nos campos de futebol do Aterro do Flamengo.

3.3.1 Pelada como lazer: emoção e excitação

Conversei no primeiro dia com Paulo, um dos goleiros da equipe, que quase se tornou jogador profissional. Em pouco tempo de bate-papo a fala dele expôs o que vim a entender como um dos fundamentos básicos da pelada jogada pelo Ellite: o controle das emoções.

Caracterizando-se como nervoso por discutir com companheiros devido a lances perdidos, passes errados, mau posicionamento, Paulo quase foi expulso do Ellite por conta de seu comportamento. Talvez por ter chegado em vias de se tornar jogador profissional, sua postura em campo é de maior cobrança com o outros jogadores e, às vezes, ultrapassava os limites compartilhados pelos seus companheiros de equipe. As cobranças existem, assim como a vontade de ganhar o jogo, mas para compor o time deve-se ter em mente que o objetivo principal não é a vitória a qualquer custo, sim a diversão.

A cada partida pude perceber que o tratamento afetuoso de amigos era deixado de lado quando a bola rolava. Xingamentos, gritos, cobrança: dentro de campo as relações se transformam. O controle das emoções é de fundamental importância, inclusive para se manter no time. Saber se controlar, tanto em gesto quanto em palavras, é característica tão fundamental ao peladeiro quanto jogar bem. Afinal de contas, aquele é um momento de lazer e descontração, ainda que com contornos de “brincadeira séria”.

As atividades recreativas são um espaço em que, com a aprovação social, se pode expressar em público algum nível de emoção. É por meio delas que se experimenta o extravasamento, sem colocar em perigo e sem perturbar a ordem social. Norbet Elias e Eric Dunning (1995) ajudam a compreender o lugar da emoção nas sociedades mais avançadas. Para eles, os rompantes de emoção estão cada vez mais circunscritos à privacidade. Somente as crianças podem se manifestar livremente em público. Os adultos, para serem considerados “normais”, devem saber como lidar e como controlar suas emoções. O controle exercido sobre si mesmo é em parte automático, e passa a fazer parte da personalidade. Com o avanço do processo civilizador aumenta a auto-contenção e estabelecem-se convenções de onde devemos expressar nossos sentimentos. E, como cada vez mais esses lugares se restringem a nichos específicos, muitas emoções foram repassadas para o lazer.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1011758/CA

A busca pela emoção nas atividades recreativas, ou “miméticas”, é o outro lado do controle e restrições presentes na vida. Afirmam os autores que:

> Fora do contexto mimético, o publico despertar de intensa excitação e a manifestação de um comportamento excitado são controlados, de um modo geral, de forma severa; são limitados pela própria consciência das pessoas. No contexto mimético, a excitação agradável pode demonstrar-se através da aprovação dos amigos e da própria consciência, desde que não exceda certos limites. Pode experimentar-se ódio e o desejo de matar, derrotar adversários e humilhar inimigos.” (ELIAS; DUNNING, 1995, p.184)

Cabe perguntar quais são as emoções permitidas, esperadas e possíveis nas peladas jogadas naquele espaço do Aterro do Flamengo. De fato, entre os fatores que se espera de um jogo estão também as tensões que ele produz. Não apenas o resultado, quem ganha ou quem perde, mas as performances dos jogadores durante aquele período de tempo em que estão sendo expressadas as emoções.

Experimentei algumas sensações enquanto observadora das partidas do Ellite e pude observar outras tantas serem experimentadas. A escolha de juizes para apitar os jogos tornou-os chatos algumas vezes, pois o cumprimento à risca das regras, apitando um número excessivo de faltas ou distribuindo cartões desnecessários, por exemplo, fazia com que as partidas fossem lentas. Nesse aspecto, talvez um sistema mais desorganizado de jogo garantisse mais emoção e espontaneidade. Houve jogos em que o fraco desempenho do juiz garantiu alguma emoção, devido às críticas que eram destinadas a ele. A permissividade com a violência em campo também era interessante nesse aspecto, por conta das reclamações e do clima tenso, mas por outro lado atrapalhava o desempenho dos jogadores, que temiam se machucar.

As partidas com adversários menos competitivos também eram menos atrativas, pois em jogos fáceis a tendência é o relaxamento dos jogadores. Por mais que o jogo sempre permita surpresas – e sua graça está também aí -, quando há discrepância entre os adversários e o provável vencedor já é “conhecido” devido a sua superioridade, a emoção não é a mesma que existe em um jogo disputado por times que se equivalem tecnicamente. Logo, jogos muito fáceis, contra adversários mais fracos costumavam ser chatos. Os elementos que tiram a previsibilidade das partidas - como o equilíbrio entre os oponentes, por exemplo -

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1011758/CA

são componentes fundamentais para a emoção de espectadores e praticantes. Recordo de uma partida em que tive que ir embora antes do fim, e ao me despedir do João ele falou: “é, o jogo hoje está chato, *tá* fácil”. A emoção está, também, na dificuldade apresentada durante o embate. A afirmação dele apontou, igualmente para o que eu sentia enquanto observadora.

De modo geral, as partidas disputadas de forma acirrada eram as mais atraentes, pois o empenho de ambas as equipes demonstrava o interesse delas em estarem ali. Ou mesmo as partidas em que algum tipo de confusão acontecia, como discussão entre os jogadores ou com o juiz. O clima tenso dentro do campo acabava me contagiando e instigando a observar até que ponto eles chegariam na troca de ofensas e de que forma estas eram feitas. No entanto, apesar dos xingamentos, não houve, em momento nenhum, agressão física.

Em um dia de jogo disputado contra o Piazza, mais uma equipe de “paraíbas” freqüente adversária do Ellite, as tensões se apresentaram entre os times e com o juiz escolhido para apitar. Acusado desde o início de deslealdade e violência nas jogadas, o adversário do Ellite, por sua vez, afirmava que a arbitragem só apitava em favor do time da “casa”. Pedro, jogador do Ellite, saiu machucado de campo após uma entrada violenta aos 30 minutos. Os ânimos estavam exaltados e o juiz, adepto da conversa, não usou do seu poder para controlá-los. “Esqueceu o cartão em casa?”, falou um espectador do jogo.

As agressões continuavam e foi dito por um jogador durante a partida, ciente do clima tenso que estava no ar: “vai dar merda”. E deu. Após uma falta marcada a favor do Ellite, o Piazza contestou. Começou a confusão e com um zagueiro expulso, na visão do próprio injustamente, o visitante ameaçou ir embora, e se isso acontecesse a partida seria encerrada. Foram aproximadamente 10 minutos de paralisação. Muitos xingamentos depois, o atleta do Piazza acatou a expulsão e se retirou de campo. Seu companheiro de time falou: “vai deixar o cara te esculachar? Aí toda vez é isso!”, referindo-se ao comportamento de um jogador do Ellite que, no calor do momento, bradou algumas ofensas. A discussão prosseguiu, assim como o jogo. No fim houve um pedido de desculpas que, aparentemente, deu fim à confusão.

Vale transcrever um trecho da resenha dessa partida publicada no site do Ellite:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1011758/CA

> (...) O jogo foi esquentando com a violência já conhecida do adversário, capitaneada sobretudo pela figura do zagueiro Bruce Lee, um paraíba de almanaque que não permaneceria em campo mais do que 10 minutos se qualquer juiz cumprisse à risca a regra do jogo. Mas no Aterro, não é o que acontece. E a pancadaria continuou. A primeira vítima foi o camisa 10, Pedro, que saiu machucado aos 30 minutos. (...) A partir daí, o adversário aumentou ainda mais a dose de pancadas, tendo como alvos principais os ariscos Lucas e Chiquinho. Até que em jogada pela esquerda, Lucas botou a bola entre as pernas de Bruce Lee, que levantou o camisa 15, dentro da área, sem dó nem piedade. O arbitro marcou falta fora da área e expulsou o zagueiro. Confusão formada. O jogo ficou paralisado por mais de 10 minutos. O zagueiro se recusou a sair de campo e por pouco, o jogo não terminou ali. Os dois times entraram em acordo e o jogador foi, temporariamente, substituído por outro.(...).”[6]

Elias e Dunning (1985) afirmam que uma das finalidades do esporte é dar prazer às pessoas e excitação aos espectadores Os jogadores procuram pelo prazer de si próprios e pela recompensa financeira que isso traz, quando são profissionais. Assim, o jogo se transforma num equilíbrio de tensões: interesses de espectadores e jogadores, a seriedade e o jogo. Se os jogadores encararem com seriedade, o grau de tensão tende a aumentar, assim como a hostilidade. A partida pode então se transformar em um conflito real, sendo os jogadores responsáveis por possíveis transgressões às regras ou por comportamentos desleais em campo.

Nas peladas os xingamentos entre os participantes acontecem a todo o momento e no final da partida (ou durante ela) a ideia é que se haja como se tais comportamentos estivessem dentro do repertório oferecido por aquele ambiente. Não há espaço para se sentir ofendido, e caso isso aconteça, dependendo do grau da ofensa - já que nem todas são permitidas - deve ser resolvido dentro de campo, revidando como “homem”. Nesse caso, ser “homem” é não levar desaforo para casa, mas entender que certos desaforos devem ser relevados naquele ambiente. Não se deve sentir ofendido por qualquer coisa. A lógica do futebol para eles é essa, e quem joga sabe, tem esse conhecimento como “naturalmente” dado.

Mauss (2001) trabalha com a hipótese de que os sentimentos são também moldados socialmente e sua expressão e supressão em relação aos eventos é fruto

[6] In: http://www.ellitefc.com.br/web/index.Joãop?option=com_content&task=view&jogo=true&id=1807&Itemid=12.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1011758/CA

de demarcadores culturais. Segundo sua teoria, os sentimentos são produzidos pela sociedade e impostos aos seus membros, e não o contrário. Diz ele:

> Não somente os choros, mas todos os tipos de expressões orais dos sentimentos que são essencialmente, não fenômenos exclusivamente psicológicos, ou fisiológicos, mas fenômenos sociais marcados eminentemente pelo signo da não-espontaneidade, e da obrigação mais perfeita.(MAUSS, 2001, p.325)

No futebol, os sentimentos não devem ser demonstrados de uma forma diferente do que se espera. Devem ser manifestados dentro de campo, e o que aconteceu lá dentro deve ser esquecido após o apito final.

3.3.2. "Ellite F.C., um time de amigos": a importância da amizade

"Ellite F.C., um time de amigos" é o título do documentário[7] de 45 minutos, disponibilizado no site da equipe, produzido no ano de 2008, em comemoração aos 10 anos de fundação. No filme é contada a história do Ellite a partir dos depoimentos de seus jogadores, dos mais antigos aos mais recentes, desde o começo no Colégio Santa Úrsula até os tempos de Aterro do Flamengo.

A palavra "amigos" norteia esse registro do Ellite e é o tema central de todo o filme. As mudanças nos locais de jogo, as brigas, a manutenção da equipe e as renovações do elenco aparecem como pano de fundo para algo mais forte que, para eles, os sustenta por todos esses anos: a amizade.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1011758/CA

[7] Assistir em: http://vimeo.com/6928248

Figura 9. Desenho estampado em Camiseta comemorativa do Ellite criada no ano de 2010.

O Ellite me foi apresentado como uma equipe formada por e para amigos, como uma forma de mantê-los próximos após a conclusão dos estudos no colégio, onde os fundadores se conheceram. A sociabilidade, inerente à prática esportiva, como será discutido no próximo tópico, é marcada aqui pela amizade. Eles não são apenas um time que se encontra para jogar futebol, mas um time que vê naquela prática uma forma constante de se atualizar e de reforçar os vínculos enquanto grupo de amigos.

A organização do Ellite tem um aspecto interessante e característico de "grupos fechados"[8]. As relações pouco se expandem para fora, a não ser no que se refere à pratica futebol em si, até porque é preciso construir uma rede de relações ampla para manter um time nos moldes do Ellite no Aterro do Flamengo. Caso contrário, jogariam apenas entre eles ou com outros amigos, e não com a variedade de adversários que eles têm.

[8] Esse conceito será discutido de forma mais profunda no próximo capítulo, mas já é possível adiantar que "grupos fechados" são aqueles que não aceitam pessoas estranhas aos seus membros.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1011758/CA

A literatura sobre amizade enquadra esta relação como pessoal e provada, cuja característica é a autonomia dos indivíduos pela sua escolha e manutenção de acordo com suas vontades. Difere, portanto, das relações familiares no sentido da liberdade da escolha, mas pode se aproximar quando se assemelha um amigo a um "irmão". Há também uma preocupação de equivalência e reciprocidade, em que uma parte não deve oferecer mais do que a outra.

A antropóloga Claudia Barcellos (2001) realizou um estudo sobre a amizade entre companheiros de trabalho na Inglaterra e no Brasil, e destacou uma característica deste tipo de relação. Há uma noção de que estando fora do círculo mais íntimo as pessoas não devem merecer confiança. Por não serem conhecidas, podem ser desleais ou competitivas. Assim, a relação fica restrita a um grupo pequeno.

Tal característica se aplica ao Ellite, já que para entrar no time é preciso ter vínculo com alguém que já faça parte do grupo. É preciso ser introduzido por um membro de confiança, o que reduz as chances de trazer para a equipe uma pessoa que cause possíveis distúrbios. A tendência, então, como argumenta a autora sobre os ingleses de sua pesquisa, é que aquele grupo se torne homogêneo, inclusive socialmente. A amizade é também uma garantia de defesa e uma estratégia para a manutenção do grupo.

Mesmo sendo o esporte um espaço privilegiado para uma forma de relação que aproxima as pessoas, as minhas observações com o Ellite apontaram para a conclusão de que o contato entre eles e as equipes adversárias se restringe aos momentos da prática em si, enquanto a bola rola.

Antes de começar as partidas havia somente um cumprimento formal de atletas e homens – aperto de mão, tapinha nas costas - mas não presenciei, de modo geral, conversas ou grandes momentos de descontração entre as equipes. Nos intervalos cada time conversava entre si, o que fazia sentido pois era o momento de trocar informações sobre a partida, receber orientações, discutir sobre o andamento do jogo. E ao final, cada um ia para um lado. Não percebi trocas significativas entre os jogadores do Ellite e seus oponentes, no sentido de conversarem e interagirem em momentos fora da prática, mas sim apenas dentro dos próprios grupos.

Uma das características das relações de amizade é a homogeneidade: ela normalmente é construída de forma horizontal. Claro que há exceções a essa

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1011758/CA

premissa, e não digo com isso que o Ellite esteja fechado a jogadores de outras classes, ou mesmo que evite contato com eles, caso contrário não escolheria um espaço público para realizar seus jogos, nem adversários com perfis socioeconômicos diferentes. Mas em grupos que se reproduzem internamente, por indicação, a homogeneidade se torna mais provável de acontecer.

Afirma Claudia Rezende que:

> é esperado que a maioria das amizades se estabeleça entre pessoas ocupando posições sociais semelhantes, com circunstâncias domésticas parecidas, do mesmo gênero, origem étnica e religião, pois assim a simetria e equivalência das trocas seriam mais garantidas na relação (...). Esta semelhança de posição social entre amigos seria mais provável também, pois pessoas com a mesma origem social convivem mais nos mesmos contextos (tipo de escola, tipo de trabalho etc.) e compartilham mais interesses, tendo mais chances portanto de tornarem-se amigas.(REZENDE, 2001, pp.240-241)

A antropóloga propõe pensar a amizade não pela ideia de igualdade, mas de afinidade, que aproxima, media diferenças e cria laços. De forma que a afinidade varia entre grupos de amigos, podendo ser por equivalência social, econômica, musical, esportiva, entre outras.

Amizade é, comumente, associada a ideais de igualdade e fraternidade. Autores como Jacques Derrida e Francisco Ortega (GOMES; SILVA JUNIOR, 2005) apontam para os riscos disso. Derida questiona a figura do "irmão" – entendido nesse contexto como alguém igual à gente - no discurso sobre amizade, pois isso pode levar, nas piores situações, a práticas nacionalistas, etnocêntricas e xenófobas. Ele propõe que se desfaça a associação de amizade e parentesco/familiaridade, eliminado lógicas de homogeneização e padronização.

> Suas reflexões fundam-se em uma ética e cuidado do outro, concentrando-se em uma amizade que não pressupõe sujeitos coincidentes, afinidade, intimidade, familiaridade ou relação de parentesco, acolhendo o outro não como um irmão (lógica narcísica do outro eu e do ideal de amizade perfeita, como uma 'fusão de almas') e, sim, como o outro em sua alteridade, em uma amizade na qual os sujeitos não sejam idênticos entre si, de modo que se confundam e se misturem tal como um amálgama, uma amizade, portanto, não voltada para assimilação, absorção ou reciprocidade e, sim, para assimetria. (GOMES; SILVA JUNIOR, 2005, p.121)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1011758/CA

Derrida critica a amizade pensada a partir da "pureza" e da homogeneidade, pautadas em familiaridade e intimidade, resultando em relações em que não há espaço para o "outro", sendo consequentemente pouco abertas às experimentações políticas, à troca.

Francisco Ortega (2000) compartilha das idéias de Derrida no que diz respeito ao distanciamento entre amizade e fraternidade. A amizade entendida a partir da alteridade, a seu ver, privilegia a experimentação de novas formas de sociabilidade e de existência.

> No amigo, não devemos reconhecer-nos para fortalecer nossa identidade. A relação de amizade poderia desenvolver uma sensibilidade para as diferenças de opinião e de gostos. Somente essa distância, esse agonismo, essa disposição a nos deixarmos questionar em nossas crenças e idéias, a modificarmos nossas opiniões através do relacionamento com o amigo, constituem a base de uma amizade para além da reciprocidade, do parentesco, da incorporação do outro. (ORTEGA, 2000, pp. 81-82)

Quando perguntado sobre o que era preciso para ser jogador do Ellite, João respondeu:

> *Tem que passar por vários crivos*. (...) *Vem geralmente através de amigos*, a gente não chama ninguém assim 'ah, o cara é bom, chama ele pra jogar aqui'. Não. *É sempre por indicação de alguém e pra ele fazer parte, entrar lá no site como jogador do time, a gente deixa um tempo.* Antigamente a gente passou por esses erros de logo efetivar o cara como jogador e depois tirar, mas agora a gente deixa amadurecer por pelo menos uns 10 jogos pra ele jogar. Aí depois o conselho se reúne, sou eu, o...os 5 fundadores, a gente se reúne e fala "vai manter, não vai", faz um balanço pra ver se o cara cumpre as exigências. Uma delas é saber jogar bola bem, é claro. *Mas os principais são o cara ser do nosso convívio, ser um cara legal, não pode ser um cara, sem nenhum preconceito, mas um cara analfabeto, um 'paraíba' que não vai se integrar com o time, entendeu?* Tem que ser um cara que...*pode até ser sem instrução*, o Chiquinho mora no morro...*tem que ser um cara que a gente veja que vai ser bom pro nosso convívio, com os valores que a gente preza, de amizade, de respeito, de união, de espírito de equipe, tudo isso. Tem que ter compromisso, saber que a essência é jogar bola e se divertir, não é ganhar, não é competitividade nem ser melhor que o outro.* (Entrevista com João) [grifos meus]

Para fazer parte do Ellite é preciso compartilhar dos valores pregados pelo grupo. É a garantia de um alinhamento das afinidades, no que se refere à forma de se conviver em equipe. "Amizade, respeito, união, espírito de equipe,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1011758/CA

compromisso" são características fundamentais a quem faça parte daquele grupo. A indicação de pessoas que, por já serem amigos crê-se que compartilhem das mesmas idéias, torna essa escolha mais fácil, ou menos arriscada, assim como a escolha por quem seja do mesmo nível social e cultural. O pressuposto é que sendo "iguais" tenham esses valores como dados. Porque jogar uma pelada semanalmente pelo Ellite não é apenas fazer parte um time de futebol, mas ser aceito e passar a integrar um grupo de amigos.

3.3.3. "O Ellite é nossa mesa de bar": aspectos da sociabilidade no esporte e homossociabilidade.

O futebol do Ellite é também uma "desculpa" para um encontro semanal entre amigos que, por diversos motivos, talvez não se encontrassem mais com freqüência. "Se a gente não jogar acaba que não se encontra", ouvi certa vez de um dos jogadores da equipe. Por isso a importância em não faltar àquele compromisso estabelecido com os amigos e com o time.

Sociabilidade é um dos aspectos que caracteriza as relações de amizade. O valor básico dela, de acordo com Claudia Barcellos Rezende (2001), está em manter-se em relação com o outro. As práticas de sociabilidade são fundamentais para a amizade.

Simmel (1983) entende que a sociabilidade é uma forma pela qual os indivíduos se agrupam para satisfazerem seus próprios interesses que, por sua vez, formam a base da sociedade humana. Essa "forma lúdica de sociação" é um fenômeno social no qual os participantes evitam demonstrar um interesse objetivo. Há um sentimento de satisfação em ser sociado.

Segundo Simmel,

> a sociabilidade não tem propósitos objetivos, nem conteúdo, nem resultados exteriores, depende das personalidades entre as quais ocorre. O alvo é o sucesso do momento sociável. E ele depende das qualidades pessoais como amabilidade, refinamento, cordialidade. Mas exatamente por tudo depender da personalidade, não é permitido aos participantes realçá-las demais. (SIMMEL, 1983, p.170)

Essa noção de sociabilidade vai ao encontro da definição de "jogo", proposta por Huizinga em "Homo Ludens" (2000):

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1011758/CA

> o jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da 'vida cotidiana'.(HUIZINGA, 2000, p.24)

No caso das peladas, as regras de sociabilidade nem sempre estão "ditas", mas é sabido que elas existem e que são fundamentais. As observações de Rosângela Pimenta em jogos de futebol amador mostram que alguns comportamentos dos jogadores eram interditados não pelas regras impostas pelo *football association*[9], mas por regras de sociabilidade criadas pelo grupo: "não se trata de regras codificadas, mas de regras incorporadas que capacitam o ator social graças a seu *habitus*, no caso específico ao habitus de jogador do futebol amador permeado por códigos e significados acessível somente aos que possuem o sentido do jogo." (PIMENTA, 2009, pp.105-106).

O Ellite, como será analisado de forma mais profunda no próximo capítulo, é um grupo fechado, cujas regras de sociabilidade encontram-se definidas, inclusive no Estatuto da equipe. Para ser jogador é preciso zelar, primeiramente, pelo bem estar dos companheiros do time, e isso passa por alguns comportamentos que, quem faz parte do grupo, sabe quais são.

Em momentos de jogo ou de sociabilidade – ou de ambos juntos – tem-se uma separação da vida cotidiana. São momentos de prazer, de refúgio do mundo do trabalho, em que outros tipos de emoção são permitidas. Ellias e Dunning (1985) consideram a sociabilidade como um dos elementos do lazer. O fato de estar na companhia do outro, de forma voluntária, é constituinte do sentimento de prazer que as atividades de lazer proporcionam.

3.3.3.1. Homossociabilidade

O ambiente essencialmente masculino nas quadras do Aterro, principalmente no horário noturno, desde o início chamou a atenção. A impressão se confirmou e se tornou um dado marcante ao longo das observações.

[9] Entidade que regula o futebol na Inglaterra, foi responsável pela formulação das regras oficiais do futebol.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1011758/CA

Antes de iniciar a pesquisa imaginava que em alguns jogos as esposas ou namoradas dos jogadores do Ellite fossem estar presentes, mas isso não aconteceu. Nem mesmo por ocasião da comemoração de final de ano deles, um churrasco no Aterro, não havia nenhuma outra mulher além de mim. Tanto aquelas quadras, como os jogos do Ellite são, de fato, espaços de sociabilidade masculina. A própria estrutura do Aterro não é tida pelos jogadores da equipe como favorável à freqüência feminina: não é um lugar agradável por não ter banheiro, ser sujo e escuro.

A associação feita por João entre o Ellite e a "mesa de bar" - quando afirma no documentário sobre a equipe que o "Ellite é a nossa mesa de bar" - remete ao estudo feito por Miguel Vale de Almeida (1995) na aldeia de Pardais, em Portugal. Interessado em entender a masculinidade naquela sociedade, o antropólogo adentra, entre outros lugares, em um ambiente freqüentado quase exclusivamente por homens: os cafés.

Como comenta Almeida, os cafés em Pardais substituíram as antigas tabernas, vendendo cervejas, acepipes, tendo um aspecto mais moderno, equipados com televisão, rádio e telefones. Distinguem-se bastante visualmente das tabernas, mas mantiveram a características no que se refere à freqüência. Muito embora mulheres também freqüentassem o local, a presença dos homens era quase absoluta. Destaca ele que, essas mulheres, no entanto, comparecem em horas "mortas" da sociabilidade masculina.

Os cafés são um lugar para beber bebidas alcoólicas, principalmente, comer petiscos, jogar e ver televisão. Os homens que freqüentam se conhecem, e nunca estão sozinhos, sim em grupo. Mas, destaca Miguel Almeida, que o que os homens fazem nos cafés, além de beber, conversar, brincar, são atividades coercivas, entre iguais, respeitando uma formalidade e etiqueta próprias.

Sabe-se como agir naquele espaço. A conversa é um ato de troca, e os assuntos predominantes são caça, pesca, sexo, mulheres e futebol. A embriaguez exagerada, por exemplo, não é bem vista. E o ritual de pagar e beber não é feito sozinho. A bebida é comprada por um dos homens para os demais do grupo, e deve ser retribuída por cada um deles. "Ou seja, a masculinidade, por ser frágil e constantemente (re)construída, muito ameaçada, une e opõe os homens. Assim, o jogo de beber continuamente, de pagar e ser pago, cria superioridade em constante rotação entre iguais relativos."(ALMEIDA, 1995, pp.187-188).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1011758/CA

O tempo, além do espaço, também tem gênero. A noite é propriedade dos homens, assim como a rua. Os espaços de vida pública são normalmente associados ao masculino, da mesma forma que associa-se a mulher à casa. De acordo com essa lógica, jogar futebol na rua à noite, ou mesmo freqüentar aquele espaço masculino, em que pratica-se um esporte também considerado masculino, não é comum entre mulheres. Devido a esse motivo, analiso brevemente o papel das mulheres em um ambiente tido como masculino: as peladas.

3.3.3.2. A Assistência feminina nas peladas

A participação de mulheres nas peladas pode variar, e algumas etnografias como as de Arlei Damo (2007), Rosângela Pimenta (2009) e Alana Gonçalves (2002) ajudam a conhecer alguns desses papéis femininos.

Como tem sido observado por vários pesquisadores estudiosos, o futebol desde a infância é pensado como um esporte e um ambiente de sociabilidade masculina, ainda cabendo às meninas pouca ou nenhuma participação. Arlei Damo observou e participou de alguns jogos realizados pelas crianças e adolescentes da rua em que morava em Porto Alegre, no bairro Cidade Baixa, e atentou para a participação das meninas naquele espaço. Duas em especial chamaram a atenção do autor: uma por jogar futebol e por estar constantemente lutando para conquistar espaço em campo, e outra que marcava presença nos jogos dos meninos, mas não jogava. Ambas eram “temidas” pelos meninos por estarem em um espaço que não as “pertencia”, por isso o comportamento delas nunca seria o ideal, tampouco previsível. Afirma Damo que:

> de modo geral, as meninas tendem a excluírem-se do futebol na medida em que ele é culturalmente marcado como um jogo para meninos. Quando isso não acontece, elas são, então, excluídas. Os argumentos mais freqüentes, invocados pelos meninos, são de que ‘elas não sabem jogar’ e por isso ‘atrapalham o jogo’, ‘dão chutes para qualquer lado’ e ‘caneladas’. Os argumentos mascaram, em grande parte, o fato de que um jogo com a presença de meninas tende a ser interpretado, pelos próprios meninos, como um jogo que não é jogado a valer, no qual as hostilidades não podem ser exercidas plenamente na medida em que elas interessariam apenas aos meninos. (DAMO, 2007, p.158)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1011758/CA

Em sua tese de doutorado, uma etnografia das peladas e do futebol amador na cidade do Recife e no sertão cearense, a socióloga Rosângela Pimenta aponta alguns papéis exercidos por mulheres nesse ambiente masculino. Ela afirma ter sentido algumas dificuldades em se inserir e passar despercebida como mulher, mas por outro lado sentiu-se mais à vontade para fazer perguntas a seus informantes que, caso fossem formuladas por um homem, seriam consideradas "bobas".

Como descreve a autora nas suas observações de campo, muitas vezes as mulheres compõem as torcidas organizadas das equipes, podendo assim participar daquele momento de sociabilidade dos maridos e namorados de forma ativa: gritam, reclamam, orientam os jogadores durante a partida. Tal comportamento, no entanto, só é permitido a certas mulheres: àquelas que os homens consideram entender de futebol.

Falando especificamente sobre o "União São João", time amador acompanhado por ela da cidade de Sobral, no Ceará, Rosângela afirma que:

> o fato das mulheres morarem em frente ou próximo ao campo certamente ajuda nessa participação, mas é certo que também não é apenas isto que motiva sua inserção. (...) As mulheres acompanham também os jogos dos torneios e os amistosos, elas dizem que é uma forma de diversão e uma oportunidade de sair de casa, pois os amistosos entre os times no sertão envolvem necessariamente o aluguel do 'carro', ou seja, caminhões, estilo pau-de-arara, para transportar os jogadores e a torcida - o transporte público não existe nessas localidades. A pelada e o futebol amador deixam de ser um lazer exclusivamente masculino e transformam-se em um lazer que engloba as mulheres e também as crianças (...). (PIMENTA, 2009, 187)

No meio rural, de acordo com sua pesquisa, a participação feminina é maior, também devido às poucas oportunidades de lazer existentes. As mulheres participam, inclusive, da confraternização pós-jogo, mas por um tempo reduzido pois têm que cumprir tarefas domésticas:

> como o local de diversão é a casa de um deles, as mulheres também participam desse momento de confraternização após o jogo, inclusive algumas consomem bebidas alcoólicas. A participação feminina não ocorre durante toda a confraternização, pois todas precisam preparar e servir o jantar dos filhos e maridos por isso, também esse momento após a pelada é um momento breve que dura em média 40 minutos. (PIMENTA, 2009, p.166)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1011758/CA

Em outro caso relatado pela autora, também ocorrido no futebol rural, as mulheres participam indiretamente das peladas, assumindo trabalhos considerados femininos, sejam eles costurar os uniformes, ajudar nos dias dos jogos preparando a comida ou arrumando a roupa. Como as partidas acontecem próximas às casas, e as sedes das equipes muitas vezes são nas casas dos diretores, as relações familiares, sejam de pai e filho, esposo e esposa, irmão, atravessam o futebol amador.

Já nas peladas na cidade, Rosângela observou que a assistência feminina parece ter menor relevância, à exceção da participação na comemoração de títulos. É o caso do Ájax, equipe de Recife acompanhada pela autora, que foi campeã de um torneio de pelada durante seu trabalho de campo. Por conta desta ocasião as mulheres estiveram presentes.

> A participação feminina na festa do título do Ájax é uma exceção, pois as resenhas costumeiras após os jogos são notadamente compostas por homens, mas a festa de um título é uma data especial, e, como um ritual, suspende temporariamente as relações cotidianas. Desse modo, as mulheres, que pouco participam dos encontros, após os jogos fazem-se presentes nesse evento extraordinário, pois a festa de um título rompe com o comum, o rotineiro, o previsto, afinal um título de campeonato não possui uma temporalidade própria, esse tempo extraordinário permite a participação feminina. (PIMENTA, 2009, p.185)

Em outra dissertação sobre futebol amador intitulada “Futebol amador: campo emergente de sociabilidade”, Alana Gonçalves faz uma etnografia do futebol amador em Juazeiro do Norte, Ceará e reflete também sobre a assistência feminina nesse ambiente majoritariamente masculino.

Alana percebeu uma diferença quanto à participação de mulheres nos grupos “fechados” e “abertos”. Nos “fechados” a presença feminina é mais significativa, motivada menos pelo esporte em si e mais pela sociabilidade que ele gera quando agrega pessoas diferentes em determinado lugar. Nesses grupos as mulheres podem ser responsáveis por fazer o lanche que é distribuído ao final da partida, e por lavar os uniformes dos jogadores, sendo as funções remuneradas pelo “dono do time”. O mesmo não acontece nos grupos “abertos”, nos quais as mulheres não recebem por lavar os uniformes dos filhos e maridos. Segundo Alana, nesse caso a participação se dá de forma mais encoberta.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1011758/CA

A diferença do papel da mulher nos grupos “fechados” e “abertos” remete a ideia de que, pelo tipo de relação que existe entre os jogadores de grupos fechados – a amizade – ele aproxima-se da ideia de “casa” ou ainda de “família”. Sabe-se com quem está se relacionando, jogando e assistindo os jogos, devido também à assiduidade daquele encontro. Torna-se, assim, um ambiente considerado como mais propício à participação feminina. Por outro lado os grupos “abertos”, que são mais fluidos, remetem à “rua”. O grupo tende a variações, portanto os vínculos não são criados de uma forma sólida. Logo, a participação feminina não se dá da mesma maneira.

Um aspecto interessante revelado pela socióloga é que, quando os times vão jogar em campos mais distantes, e o “dono do time” contrata um ônibus ou caminhão para o transporte, as mulheres, comumente, não pagam a taxa que é cobrada aos homens. O valor só é cobrado caso o time não consiga arcar sozinho com a despesa. Por gentileza ou por entenderem que as mulheres não devem ter as mesmas obrigações que os homens naquele ambiente, no sentido de se responsabilizar pelas mesmas funções, é considerado normal não cobrar qualquer contribuição delas.

As duas pesquisas demonstram que, de modo geral, a participação feminina nas peladas não está muito distante de uma ideia de mulher como aquela que está mais ligada à casa – enquanto o homem está associado à rua -, que presta serviços domésticos mesmo no momento de lazer do homem que acompanha.

Por ocasião do primeiro contato com João fui informada que ele havia pensado que o email que eu lhe havia enviado como um primeiro contato fosse “pegadinha”, justamente por eu ter me identificado como uma mulher interessada em pesquisar futebol. Nesse mesmo dia me foi dita a seguinte frase: “toma cuidado quando vier aqui à noite. Às vezes falta luz, é perigoso”. Acredito que, se eu fosse homem, não ouviria este conselho.

Em outro momento foi possível identificar que a minha presença impunha uma diferença do comportamento habitual, justamente pelo fato de tratar-se da presença de uma mulher. Diante do atraso de um time que não havia aparecido em uma outra oportunidade, foi perguntado ao capitão porque um novo jogo com aquele adversário que havia causado transtornos certa vez. “Porque o fulano quis, achou que não teríamos problema”, foi a resposta. Logo veio a rebatida: “quem

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1011758/CA

marca os jogos não é você? se o cara mandar tu dar o ..., tu vai?". A frase não foi completada, por isso mesmo a reproduzi com reticências. Todos olharam pra mim. Fez-se um silêncio de poucos segundos. Depois riram, e me dei conta de que o palavrão foi poupado devido a minha presença.

Acompanho futebol e vou a estádios desde criança, logo estou acostumada com ambientes freqüentados por homens. No entanto o constrangimento com o ambiente masculino se fez presente durante todo o trabalho de campo e se deu especialmente por um motivo: a ausência de vestiários, ou de um lugar para a troca de roupa.

Muitos jogadores iam para as partidas direto do trabalho, sem uniforme, o que os obrigava a trocar de roupa a céu aberto, muitas vezes na minha presença. O acanhamento era de fato dos dois lados, como foi possível perceber. Alguns não sabiam o que fazer, pediam para os amigos darem "cobertura", se afastavam ou me diziam para olhar para o outro lado. Depois de algumas idas, adotei a estratégia de chegar um pouco atrasada, para evitar essa etapa. Nem sempre foi possível e, por via das dúvidas, prestava sempre bastante atenção para onde olhava.

Os campos do Aterro à noite são um espaço de sociabilidade majoritariamente masculina, de homossociabilidade: um lugar onde as práticas de sociabilidade são realizadas entre homens, começando pelo esporte que é praticado naquelas quadras e ainda é considerado masculino. Nestes ambientes, como a taberna citada por Almeida (1995), os ideais de masculinidade e de gênero são constantemente afirmados e construídos.

É rara a presença feminina naquele "pedaço" do Aterro do Flamengo, ainda mais no período noturno. Medo, falta de estrutura ou por aquele espaço não ser reconhecido para a prática do futebol feminino podem ser alguns dos motivos para a quase ausência de mulheres. As equipes femininas existem no Aterro, mas ainda em um número pouco representativo.

Quando as mulheres estão presentes, são em situação alheias ao futebol em si. Quando freqüentam aquele espaço, elas estão quase sempre acompanhadas ou estão lá para verem e serem vistas. Circulam por entre os campos, conversam, participam dos churrascos, bebem. Há um "clima" de paquera nas peladas do Aterro. Talvez por isso Caio tenha associado minha presença nos jogos do Ellite a um possível namorado. Possivelmente, acreditava ele, que mulheres só poderiam

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1011758/CA

ter interesse naquelas partidas se este estivesse relacionado a algum homem ali presente. Assistir aos jogos com qualquer outro fim – diversão, lazer, ou mesmo acadêmico – não está, a princípio, no repertório dos papéis femininos nas peladas.

3.3.4. "Ser homem" em um esporte e espaço masculinos

A mesa de bar e o futebol, especialmente no Brasil, são duas instituições demarcadoras da homossociabilidade e importantes para a manutenção do que é ser "homem". Mas o que determina esta qualidade do masculino?

O gênero não se reduz a qualquer aspecto essencialmente biológico, cultural ou outro, mas parece se construir no cotidiano. "O gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada", afirma Judith Butler (2003, p.37),. Ao produzir o que se entende como adequado para os diferentes gêneros, diferentes processos são postos em ação. Assim, não há qualquer posição de sujeito fixa ou definitiva. Por não ser uma simples extensão de características biológicas, os gêneros estão diretamente envolvidos com processos de aprendizagem.

Eric Dunning analisa no texto "El deporte como coto masculino: fuentes sociales de la identidad masculina y sus transformaciones"(1995) o esporte como um espaço reservado aos homens e o papel que este desempenha na produção da identidade masculina na Grã-Bretanha. Para ele, os esportes por serem competitivos tendem a agressividade e, dependendo das condições, podem chegar à violência. São esportes como rugby, futebol, hockey e boxe - que produzem uma violência entendida pelo autor como "combate em jogo" ou "batalha fingida" – que permitem uma expressão socialmente aceitável, ritualizada e controlada da violência.

Cantos e gritos da torcida incitam a rivalidade e a violência. A sexualidade do adversário é sempre colocada em dúvida como forma de provocação[10]. Dunning afirma que "el juego consiste primordialmente em la expresión de su machismo, ya sea com los hechos, derrotando a sus rivales y haciéndoles huir, ya

[10] Ao perceberem que um jogador do time adversário estaria forjando faltas na final da Copa do Aterro, os torcedores o xingaram de "viado" (Diário de campo, dia 16 de maio de 2011).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1011758/CA

simblicamente, via las canciones y lemas que entonan"[11] (DUNNING, 1995, p. 398). Um componente da violência no futebol seria exatamente a expressão da identidade masculina.

Este espaço violento essencialmente masculino exige performances de certa forma já pré-estabelecidas: sabe-se como se deve agir para "agir como homem". Denise Jardim no artigo "Performances, reprodução e produção dos corpos masculinos" (2001) diz que

> o corpo, enquanto um suporte de significados, possibilita uma leitura de como um grupo social expressa um esquadrinhamento, como este deve ser apresentado, qual sua topografia e funcionamento orgânico. O resultado disso pode ser visto na produção da 'similitude' entre homens sobre o que 'venha a ser homem'. (JARDIM, 2001, p.190)

O interesse da pesquisadora é a performance masculina em "botecos", mas essa idéia pode ser aplicada ao futebol, já que a discussão passa também pela questão da masculinidade. Passa pelo ethos masculino de agüentar a pressão, controlar seus gestos e ações para, neste caso, não prejudicar sua equipe. Ou de reagir violentamente à agressão dentro e somente dentro de campo como forma de defesa de sua honra. São duas as possibilidades de agir como "homem".

Arlei Damo (2007) acompanhou os jogos de meninos e meninas que realizavam uma pelada de rua em Porto Alegre. Por serem ainda jovens é interessante pensar, a partir das observações do antropólogo, como se dava naquele espaço e na prática do futebol a construção do masculino.

Meninos e meninas deviam ter comportamentos diferentes: o que se esperava de um, não era o que se esperava do outro. Elas não são desejadas naquele espaço, não apenas porque supostamente não dominam as técnicas corporais de jogo, mas também porque, segundo eles, não se deixam absorver pelo jogo. "Medir-se, hostilizar-se, fazer-se temer, subjugar e, sobretudo, fazê-lo aberta e publicamente - razão pela qual o jogo constitui uma ocasião privilegiada - é um arbitrário imposto aos meninos e os jogos são absorventes na medida em que suscitam tais atitudes" (DAMO, 2001, p.158).

A hostilidade, comum em disputas, ali recai sobre ambos os sexos, e aos meninos cabe reagir a ela e permanecer em campo. No entanto se for hostilizado

[11] Tradução livre: o jogo consiste primordialmente na expressão do machismo, seja com os feitos, derrotando os rivais e fazendo-os fugir, ou simbolicamente pelas canções e lemas que entoam.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1011758/CA

(mesmo que por levar um drible desconcertante) por uma menina, isso constitui em um agravante, pois elas estão imunes ao repertório de ofensas. Desta forma, a presença feminina não é encarada como um desafio, mas como um risco.

Damo conclui afirmando que o jogo é parte da construção do "homem", assim como o "feminino" também é fruto de construção e reinvenção. Para o autor,

> é razoável supor que os praticantes de futebol, para além dos meninos do beco, imaginam ocultar um segredo: de que jogando estão se fazendo homens. Ou dizendo talvez o óbvio, de que masculino e feminino são categorias de status como outras quaisquer e é preciso forjá-las incessantemente. (DAMO, 2007, p.160)

"Seja homem", "jogar como homem" foram falas bastante escutadas durante o campo. São expressões cujo significado é dado como sabido por quem diz e por quem ouve. Então, quando um jogador fala para o juiz "seja homem e olha na minha cara", frase que escutei algumas vezes durante o campo, é porque este espera uma atitude que seja condizente com o que se espera de um "homem". Quando um torcedor fala que o juiz está usando calcinha embaixo do short[12], claramente em tom ofensivo e de deboche, é porque ele está supostamente agindo "como mulher" em um ambiente que não permite isso. Assim como forjar faltas, por exemplo, não é atitude de "homem", e certa vez a atitude foi chamar o jogador de "viado".

O trabalho de campo com o Ellite Futebol Clube nos campos de pelada do Aterro do Flamengo despertou questões relativas ao uso daquele espaço. As relações ali estabelecidas, a própria sociabilidade que existe naqueles campos está, também, relacionada ao fato de se tratar de um espaço público gerido por um órgão da Prefeitura. Esta gerência, por sua vez, implica numa estruturação que se reflete dentro de campo e na organização de algumas equipes que fazem do Aterro sua "casa". Analiso, agora, as relações entre a "pelada organizada" e o Aterro do Flamengo enquanto espaço público, a partir das observações realizadas com o Ellite Futebol Clube.

[12] Comentário de um torcedor do Ájax durante partida da Copa do Aterro.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1011758/CA